

Quando falam os profetas...

Palavras do Papa aos sacerdotes e consagrados na viagem a Cuba e aos Estados Unidos.

Celebração das vésperas com sacerdotes, consagrados e seminaristas

Catedral de Havana, Domingo, 20 de Setembro de 2015

Quando falam os profetas, prestemos-lhes atenção!

O cardeal Jaime falou-nos de pobreza e a irmã Yaileny [Irmã Yaileny Ponce Torres, Filha da Caridade] falou-nos do mais pequeno, dos mais pequenos: «são todos crianças». Eu tinha preparado uma homilia para dizer agora, com base nos textos bíblicos, mas, quando falam os profetas – e todo o sacerdote é profeta, todo o baptizado é profeta, todo o consagrado é profeta –, prestemos-lhes atenção. E assim vou dar a homilia ao Cardeal Jaime para que vo-la faça chegar e seja publicada. Depois meditai-a. E, agora, conversemos um pouco sobre o que disseram estes dois profetas.

A pobreza, o muro e a mãe da vida consagrada.

Ao Cardeal Jaime veio-lhe o desejo de pronunciar uma palavra muito incómoda, sumamente incómoda, que até vai contramão em toda a estrutura cultural, entre aspas, do mundo. Ele disse: «pobreza». E repetiu-a várias vezes. Penso que o Senhor quis que a ouvíssemos várias vezes e a acolhêssemos no coração. O espírito do mundo não a conhece, não a quer, esconde-a, não por pudor, mas por desprezo. E, se tem de pecar e ofender a Deus para que não lhe chegue a pobreza, fá-lo. O espírito do mundo não ama o caminho do Filho de Deus, que Se aniquilou a Si próprio, fez-Se pobre, fez-Se nada, humilhou-Se para ser um de nós.

A pobreza, que meteu medo àquele jovem tão generoso – tinha cumprido todos os mandamentos. Quando Jesus lhe disse: «Olha! Vende tudo que tens e dá-o aos pobres», pôs-se triste, meteu-lhe medo a pobreza. A pobreza, sempre procuramos iludi-la, até por coisas razoáveis, mas estou a falar de iludi-la no coração. Que é preciso saber administrar os bens, não se discute; é uma obrigação. Porque os bens são um dom de Deus; mas, quando estes bens entram no coração e começam a condicionar-te a vida, aí perdeste. Já não és como Jesus. Tens a tua segurança onde a pusera o jovem triste, aquele que se retirou triste. Creio que a vós, sacerdotes, consagrados, consagradas, pode servir aquilo que dizia Santo Inácio – isto não é fazer publicidade da família, não! Mas ele dizia que a pobreza era o muro e a mãe da vida consagrada. Era a mãe, porque gerava mais confiança em Deus. E era o muro, porque a protegia de todo o mundanismo. Quantas almas destruídas! Almas generosas, como a do jovem triste, que começaram bem mas depois foi-se-lhes apegando o amor a esse mundanismo rico, e acabaram mal, isto é, medíocres. Acabaram sem amor, porque a riqueza depaupera, mas depaupera mal. Tira-nos o melhor que temos, faz-nos pobres da única riqueza que vale a pena, para depormos a segurança noutra coisa.

O espírito de pobreza, o espírito de despojamento, o espírito de deixar tudo para seguir a Jesus. Isto de deixar tudo não sou que eu o invento. Aparece várias vezes no Evangelho. Na vocação dos primeiros discípulo que deixaram os barcos, as redes e seguiram-No. Aqueles que deixaram tudo para seguir a Jesus. Uma vez contava-me um padre idoso e sábio, a propósito de quando o espírito de riqueza, de mundanismo rico, entra no coração dum consagrado ou duma consagrada, dum sacerdote, dum bispo, dum Papa, duma pessoa seja ela quem for. Dizia que, quando alguém começa a juntar dinheiro para garantir o futuro, é certo que então o futuro já não está em Jesus; está numa companhia de seguros de tipo espiritual que eu dirijo, não é verdade? Assim, quando uma Congregação Religiosa – dizia-me ele para dar um exemplo – começa a juntar dinheiro e a poupar cada vez mais, Deus é tão bom que lhe envia um ecónomo desastroso, que a leva à falência. São as melhores bênçãos de Deus à sua Igreja, os ecónomos desastrosos, porque fazem-na livre, fazem-na pobres. A nossa Santa Mãe Igreja é pobre, Deus quere-a pobre, como quis pobre a nossa Santa Mãe Maria. Amai a pobreza como uma mãe. E, simplesmente com sugestão, se algum de vós tiver vontade, interogue-se: Como é o

meu espírito de pobreza? Como é o meu despojamento interior? Creio que isto poderá fazer bem à nossa vida consagrada, à nossa vida presbiteral. Afinal de contas, não nos esqueçamos que é a primeira das Bem-aventuranças: Felizes os pobres em espírito, os que não estão agarrados à riqueza, aos poderes deste mundo.

Queimar a minha vida, assim, com material de descarte

E a irmã falava-nos dos últimos, dos mais pequenos que, mesmo se são grandes, uma pessoa acaba por tratá-los como crianças, porque se apresentam como crianças. O mais pequeno. Esta é uma frase de Jesus. E já aparece no protocolo com base no qual seremos julgados: «O que fizeste ao mais pequeno dos meus irmãos, a mim mesmo o fizeste». Há serviços pastorais que podem ser mais gratificantes do ponto de vista humano, sem serem maus nem mundanos, mas quando alguém, por íntima preferência, busca o mais pequeno, o mais abandonado, o mais doente, aquele que ninguém tem em conta, aquele que ninguém quer, o mais pequeno, e serve o mais pequeno, então está a servir a Jesus de maneira superlativa. Mandaram-te para onde não querias ir. E choraste. Choraste porque não gostavas, o que não significa que sejas uma freira chorona, não! Deus nos livre das freiras choronas, não é? Freiras que estão sempre a lamentar-se. Isto não é meu; era Santa Teresa que o dizia às suas religiosas. É dela. Ai daquela religiosa que passa o dia inteiro a lamentar-se: porque me fizeram uma injustiça. Na língua castelhana do tempo, dizia: «Ai da monja que anda a dizer: fizeram-me sem razão». Choraste porque eras jovem, tinhas outros sonhos: talvez pensasses que, num colégio, poderias render mais, proporcionar futuro à juventude. Mas mandaram-te para lá – a «Casa da Misericórdia» - onde a ternura e a misericórdia do Pai se tornam mais patentes, onde a ternura e a misericórdia de Deus se fazem uma carícia. Quantos religiosos e religiosas queimam – repito o verbo – queimam a sua vida, acariciando material de descarte, acariciando a quem o mundo descarta, a quem o mundo despreza, a quem o mundo prefere que não exista, a quem o mundo hoje quando, com os novos métodos de análise que tem, prevê que pode nascer com uma doença degenerativa, propõe eliminá-lo antes de nascer. É o mais pequeno. E uma jovem, cheia de sonhos, começa a sua vida consagrada, fazendo viva a ternura de Deus na sua misericórdia. Às vezes, não entendem, não sabem, mas como é bonito para Deus e quanto bem nos faz, por exemplo, o sorriso de um espático, que não sabe como fazê-lo, ou quando te quer beijar e baba-te a cara toda. Esta é a ternura de Deus, esta é a misericórdia de Deus. Ou quando estão mal-humorados e te dão um murro. Mas queimar a minha vida, assim, com material de descarte aos olhos do mundo fala-nos unicamente dumha pessoa; fala-nos de Jesus, que, por pura misericórdia do Pai, Se fez nada, Se aniquilou: diz o texto de Filipenses no capítulo dois. Fez-Se nada. E estas pessoas, a quem dedicas a tua vida, imitam a Jesus, não por sua vontade, mas porque assim vieram ao mundo. São nada e escondem-nas, não as mostram, nem as visitam. E, se puderem e ainda estiverem a tempo, eliminam-nas. Obrigado pelo que fazes e, em ti, obrigado a estas e tantas outras mulheres consagradas ao serviço do inútil, porque não se pode combinar qualquer negócio, não se pode ganhar dinheiro, não se pode realizar absolutamente nada de «construtivo», entre aspas, com estes nossos irmãos, com os menores, com os mais pequenos. Aí brilha Jesus. Aí brilha a minha opção por Jesus. Graças a ti e a todos os consagrados e consagradas que fazem isto.

O confessionário, um lugar privilegiado para encontrar o mais pequeno.

«Padre, eu não sou freira, não cuido de doentes, sou pároco, tenho uma paróquia, ou ajudo um pároco. Quem é o meu Jesus predilecto? Quem é o mais pequeno? Quem é aquele que me mostra mais a misericórdia do Pai? Aonde tenho de ir para o encontrar?» Obviamente, continuo a repassar o protocolo de Mateus (capítulo 25). Lá temo-los todos: no faminto, no recluso, no doente. Aí os encontrarás. Mas há um lugar privilegiado para o sacerdote, onde aparece este último, este mínimo, o mais pequeno, é o confessionário. Lá, quando aquele homem ou aquela mulher te mostram a sua miséria – olha que é a mesma que tens tu e só Deus te salvou de não chegar ao mesmo! – quando te mostram a sua miséria, por favor, não o censures, não o prendas, nem o castigues. Se não tiveres pecado, atira-lhe a primeira pedra: mas só nesta condição. Caso contrário, pensa nos teus pecados. Pensa que tu podias ser aquela pessoa. E pensa que, potencialmente, podes cair ainda mais fundo.

Pensa que, neste momento, tens um tesouro nas mãos, que é a misericórdia do Pai. Por favor, sacerdotes, não vos canseis de perdoar. Sede perdoadores. Não vos canseis de perdoar, como fazia Jesus. Não vos escondais por trás de medos ou rigidez. Assim como esta religiosa e todas as outras que estão no mesmo trabalho que ela não ficam furiosas quando encontram o doente sujo ou mal disposto, mas servem-no, limpam-no, cuidam dele, assim também tu, quando chega junto de ti o penitente, não te faças mau, não te ponhas neurótico, não o expulses do confessionário, não o censures. Jesus abraçava-os. Jesus amava-os. Amanhã comemoramos São Mateus. Quanto roubava ele! Além disso, quanto traía o seu povo! E diz o Evangelho que Jesus, à noite, foi jantar com ele e outros como ele. Santo Ambrósio tem uma frase que me comove muito: «Onde há misericórdia, está o espírito de Jesus. Onde há rigidez, estão apenas os seus ministros».

Irmão sacerdote, irmão Bispo, não tenhas medo da misericórdia. Deixa que ela flua, através das tuas mãos e do teu abraço de perdão, porque aquele ou aquela que lá está, é o mais pequeno. E, portanto, é Jesus. Isto é o que me ocorre dizer depois de ter ouvido estes dois profetas. Que o Senhor nos conceda estas graças que os dois semearam no nosso coração: pobreza e misericórdia. Porque nelas está Jesus.

Prosseguir no caminho da fidelidade a Jesus Cristo

Vésperas com o clero e os religiosos

Catedral de São Patrício, Nova Iorque, Quinta-feira, 24 de Setembro de 2015

Ouçamos o Apóstolo: «Exultais de alegria, se bem que, por algum tempo, tenhais de andar aflitos por diversas provações» (*1 Ped 1,6*). Estas palavras lembram-nos uma coisa essencial: a nossa vocação é viver na alegria.

Esta linda catedral de São Patrício, construída ao longo de muitos anos com o sacrifício de tantos homens e mulheres, pode ser um símbolo da obra de gerações de sacerdotes, religiosos e leigos americanos que contribuíram para a edificação da Igreja nos Estados Unidos. Sem querer excluir outros campos, só no campo da educação, quantos sacerdotes e consagrados tiveram um papel central neste país, ajudando os pais a dar aos seus filhos o alimento que os nutre para a vida! Muitos fizeram-no à custa de sacrifícios extraordinários e com caridade heroica. Penso, por exemplo, em Santa Elizabeth Ann Seton, que fundou na América a primeira escola católica gratuita para meninas, ou em São João Neumann, fundador do primeiro sistema de educação católica nos Estados Unidos.

Nesta tarde, queridos irmãos e irmãs, vim rezar convosco, sacerdotes, consagrados, consagradas, para que a nossa vocação continue a construir o grande edifício do Reino de Deus neste país. Sei que vós, como corpo sacerdotal, diante do povo de Deus, sofrestes muito num passado não distante suportando a vergonha por causa de muitos irmãos que feriram e escandalizaram a Igreja nos seus filhos mais indefesos... Com palavras do Apocalipse, digo-vos que «vindes da grande tribulação» (cf. 7, 14). Acompanho-vos neste período de sofrimento e dificuldade; e também agradeço a Deus pelo serviço que realizais acompanhando o povo de Deus. Com o fim de vos ajudar a prosseguir no caminho da fidelidade a Jesus Cristo, deixai-me fazer duas breves reflexões.

O espírito de gratidão

A primeira diz respeito ao *espírito de gratidão*. A alegria de homens e mulheres que amam a Deus atrai a outros; sacerdotes e consagrados chamados a sentir e irradiar uma satisfação permanente com a sua vocação. A alegria brota dum coração agradecido. É verdade! Recebemos muito, tantas graças, tantas bênçãos; e alegramo-nos. Far-nos-á bem repassar com a memória as graças da nossa vida. Memória daquela primeira chamada, memória do caminho percorrido, memória de tantas graças recebidas..., e sobretudo memória do encontro com Jesus Cristo em tantos momentos durante o caminho. Memória do encanto que produz em nosso coração o encontro com Jesus Cristo. Irmãs e Irmãos, consagrados e sacerdotes, peçamos a graça da memória para fazer crescer o espírito de gratidão. Talvez convenha perguntar-nos: Somos capazes de enumerar as bênçãos que vieram sobre nós, ou já me esqueci delas?

O espírito de laboriosidade

A segunda reflexão tem a ver com *o espírito de laboriosidade*. Um coração agradecido é, espontaneamente, impelido a servir o Senhor e a abraçar um estilo de vida diligente. No momento em que nos damos conta de tudo aquilo que Deus nos deu, o caminho da renúncia a si mesmo a fim de trabalhar para Ele e para os outros torna-se um caminho privilegiado de resposta ao seu amor.

E, no entanto, se formos honestos, sabemos quão facilmente pode ser sufocado este espírito de trabalho generoso e sacrifício pessoal. Há duas maneiras para isso acontecer, sendo ambas exemplo da «espiritualidade mundana», que nos enfraquece no nosso caminho de serviço de mulheres e homens consagrados, e degrada o enlevo, a maravilha do primeiro encontro com Jesus Cristo.

Podemos ficar encastrados quando medimos o valor dos nossos esforços apostólicos pelo critério da eficiência, do funcionamento e do sucesso externo que governa o mundo dos negócios. Não digo que estas coisas não sejam importantes! Foi-nos confiada uma grande responsabilidade e o povo de Deus, justamente, espera resultados. Mas o verdadeiro valor do nosso apostolado é medido pelo valor que o mesmo tem aos olhos de Deus. Ver e avaliar as coisas a partir da perspectiva de Deus chama-nos para uma conversão constante ao primeiro tempo da nossa vocação e – nem é preciso dizê-lo – exige uma grande humildade. A cruz mostra-nos uma maneira diferente de medir o sucesso: a nós cabe-nos semear, e Deus vê os frutos do nosso trabalho. E se, às vezes, os nossos esforços e o nosso trabalho parecem gorar-se e não dar fruto, estamos a trilhar a mesma via de Jesus Cristo; a sua vida, humanamente falando, acabou com um fracasso: com o fracasso da cruz.

Um novo perigo surge quando nos tornamos ciosos do nosso tempo livre, quando pensamos que rodear-nos de comodidades mundanas ajudar-nos-á a servir melhor. O problema, com este modo de raciocinar, é que pode ofuscar a força da chamada diária de Deus à conversão, ao encontro com Ele. Pouco a pouco mas seguramente vai diminuindo o nosso espírito de sacrifício, o nosso espírito de renúncia e de laboriosidade. E afasta também as pessoas que padecem pobreza material, vendo-se obrigadas a fazer sacrifícios maiores do que os nossos, sem serem consagrados. O repouso é uma necessidade, como o são os momentos de tempo livre e de restauração pessoal, mas devemos aprender a descansar de forma que aprofunde o nosso desejo de servir de modo generoso. A proximidade aos pobres, refugiados, imigrantes, doentes, explorados, idosos que sofrem a solidão, encarcerados e muitos outros pobres de Deus ensinar-nos-á outro tipo de repouso, mais cristão e generoso.

Gratidão e laboriosidade: são os dois pilares da vida espiritual que desejava partilhar convosco, sacerdotes, religiosas e religiosos, nesta tarde. Agradeço-vos pelas orações, actividades e sacrifícios diários que realizais nos diferentes campos de apostolado. Muitos deles são conhecidos apenas de Deus, mas dão muito fruto na vida da Igreja.

De maneira especial, gostaria de expressar a minha admiração e a minha gratidão às consagradas dos Estados Unidos. Que seria esta Igreja sem vós? Mulheres fortes, lutadoras; com aquele espírito de coragem que vos coloca na linha da frente a anunciar o Evangelho. A vós consagradas, irmãs e mães deste povo, quero dizer «obrigado», um «obrigado» grandíssimo... e dizer também que gosto muito de vós.

Sei que muitos de vós estais a enfrentar o desafio que supõe a adaptação a um programa pastoral em evolução. Como São Pedro, peço-vos que, perante qualquer prova que tenhais de enfrentar, não percais a paz e respondei como fez Cristo: deu graças ao Pai, tomou a sua cruz e seguiu em frente.

Queridos irmãos e irmãs, em breve, dentro de poucos minutos, cantaremos o *Magnificat*. Coloquemos nas mãos de Nossa Senhora a obra que nos foi confiada; unamo-nos a Ela agradecendo ao Senhor pelas grandes coisas que fez e pelas grandes coisas que continuará a fazer em nós e em todos aqueles que temos o privilégio de servir. Que assim seja!

«E tu, que farás?»

Santa Missa com os bispos, o clero, os religiosos e religiosas da Pensilvânia

Catedral dos Santos Pedro e Paulo, Filadélfia, Sábado, 26 de Setembro de 2015

Nesta manhã, aprendi algo mais da história desta bela catedral: a história que está por detrás das suas paredes altas e dos seus vitrais. Contudo prefiro olhar a história da Igreja, nesta cidade e neste Estado, como uma história não de construção de muros, mas do seu derrube. Ela fala-nos de gerações e gerações de católicos comprometidos, saindo para as periferias a fim de construir comunidades de culto, de educação, de caridade e de serviço à sociedade inteira.

Uma tal história é visível nos muitos santuários espalhados por esta cidade, nas suas inúmeras paróquias, cujas agulhas e campanários falam da presença de Deus no meio das nossas comunidades. Vemo-la também nos esforços de todos aqueles sacerdotes, religiosos e leigos que, com dedicação, ao longo de dois séculos, trabalharam pelas necessidades espirituais dos pobres, dos imigrantes, dos doentes e dos encarcerados. Vemo-la também nas inúmeras escolas onde consagrados e consagradas ensinaram as crianças a ler e a escrever, a amar a Deus e ao próximo, e a contribuir como bons cidadãos para a vida da sociedade americana. Tudo isto é a herança verdadeira que recebestes e que sois chamados a enriquecer e transmitir.

Muitos de vós conhecem a história de Santa Catarina Drexel, uma das grandes Santas saídas desta Igreja local. Quando ela falou ao Papa Leão XIII da necessidade das missões, o Papa – era um Papa muito sábio! – perguntou-lhe de maneira incisiva: «E tu, que farás?» Aquelas palavras mudaram a vida de Santa Catarina, porque recordaram-lhe que afinal cada cristão recebeu, em virtude do Baptismo, uma missão. Cada um de nós deve responder, da melhor forma possível, à chamada do Senhor para construir o seu Corpo, que é a Igreja.

«E tu, que farás?» A partir destas palavras, gostaria de me deter sobre dois aspectos, no contexto da nossa missão específica de transmitir a alegria do Evangelho e edificar a Igreja como sacerdotes, diáconos, membros masculinos e femininos de institutos de vida consagrada.

Em primeiro lugar, aquelas palavras – «E tu, que farás?» – foram dirigidas a uma pessoa jovem, uma jovem mulher com ideais elevados, e mudaram a sua vida. Impeliram-na a pensar no trabalho imenso que havia para realizar e a dar-se conta de que também ela era chamada a fazer a sua parte. Quantos jovens, nas nossas paróquias e escolas, têm os mesmos ideais elevados, generosidade de espírito e amor a Cristo e à Igreja! Perguntemo-nos: Somos nós capazes de os pôr à prova? Somos capazes de os guiar e ajudar a fazer a sua parte? A encontrar caminhos para poderem partilhar o seu entusiasmo e os seus dons com as nossas comunidades, sobretudo nas obras de misericórdia e de compromisso a favor dos outros? Partilhamos a própria alegria e entusiasmo que temos em servir o Senhor?

Um dos grandes desafios que a Igreja tem pela frente, nesta geração, é promover, em todos os fiéis, o sentido de responsabilidade pessoal pela missão da Igreja e torná-los capazes de cumprirem tal responsabilidade como discípulos missionários, serem fermento do Evangelho no nosso mundo. Isto exige criatividade para se adaptar às situações em mudança, para levar avante a herança do passado, não primariamente mantendo estruturas e as instituições que também são úteis, mas acima de tudo estando disponíveis para as possibilidades que o Espírito abre diante de nós e comunicando a alegria do Evangelho, todos os dias e em todas as estações da vida.

«E tu, que farás?» É significativo que estas palavras do Papa já idoso tivessem sido dirigidas a uma mulher leiga. Sabemos que o futuro da Igreja, numa sociedade em rápida mudança, exigirá – e já agora o exige – um compromisso cada vez mais activo por parte dos leigos. A Igreja nos Estados Unidos sempre dedicou um enorme esforço ao trabalho da catequese e da educação. O nosso desafio, hoje, é construir alicerces sólidos e promover um sentido de colaboração e responsabilidade compartilhada, quando programamos o futuro das nossas paróquias e instituições. Isto não significa transcurar a autoridade espiritual que nos foi confiada, mas discernir e usar sabiamente os múltiplos dons que o Espírito concede à Igreja. De forma particular, significa valorizar a contribuição imensa que as mulheres, leigas e consagradas, deram e continuam a oferecer na vida das nossas comunidades.

Queridos irmãos e irmãs, agradeço-vos o modo como cada um de vós respondeu à pergunta de Jesus que inspirou a vossa vocação: «E tu, que farás?» Encorajo a deixar-vos renovar na alegria, na maravilha daquele primeiro encontro com Jesus e tirar daquela alegria uma renovada fidelidade e vigor. Vou estar convosco nestes dias, pedindo-vos para transmitirdes a minha afectuosa saudação a todos aqueles que não puderam estar aqui connosco, especialmente a tantos sacerdotes, religiosos e religiosas idosos aqui espiritualmente presentes.

Durante estes dias do Encontro Mundial das Famílias, gostaria de vos pedir para reflectirdes de modo particular sobre a qualidade do nosso ministério com as famílias, os casais que se preparam para o matrimónio e os nossos jovens. Tenho conhecimentos do que se faz nas Igrejas locais para dar resposta às suas necessidades e apoiá-los no seu caminho de fé. Peço-vos que rezeis fervorosamente pelas famílias, bem como pelas decisões do próximo Sínodo sobre a família.

Agora, com gratidão por tudo o que recebemos e com confiante certeza em todas as nossas necessidades, voltamo-nos para Maria, nossa Mãe Santíssima. Que Ela, com o seu amor de mãe, interceda pelo crescimento da Igreja, na América, no testemunho profético do poder da cruz do seu Filho para levar alegria, esperança e força ao mundo. Rezo por cada um de vós e peço-vos, por favor, que rezeis por mim.